

Tema o movimento popular de saúde e o conselho popular de saúde

Mococa Lá que é uma luta que na verdade ela é uma... até onde eu sei é a primeira manifestação de meio ambiente que é realizada a nível do Estado de São Paulo. Porque é uma campanha contra o pó, quer dizer, dá impressão que a gente tá mudando a história, é verdade, aqui Perus foi palco de grande manifestação contra o pó de cimento porque tem até a conversa de cartaz que dizia assim "o cimento esmaga a vida". Perus tem... Perus era conhecido como o bairro cinzento.... que todo telhado aqui era cor de cimento, era cor cinza... por causa da poeira que caía da fábrica, os telhados era todo.... não tinha um telhado marrom, principalmente nessa área aqui, tudo que cê olhasse nas casas antigas... deve ter uma casa antiga que deve ter a marca ainda do.....pó de cimento, então... "o pó de cimento esmaga a vida", então...a gente tinha essa, essa preocupação [...].... nós estamos antes de 70... e porque 70 já estava, estava... É lixão sim, sim,sim,...o pó de cimento é quase, é um pouco anterior a isso mas....é no regime militar. É no pleno regime militar, então..... contrariando tudo e a todos, o pessoal foi pra rua ,houve de tudo e tal com relação a essa questão do pó do cimento. Houve fatos que marcaram a história, essa luta, contra o pó do cimento.

O início do meu envolvimento nos trabalhos sociais e comunitários foi mais ou menos por volta de 1970! 69-70, por intermédio da igreja católica que eu despertei para essas coisas. Até então eu não ligava muito pras coisas mais a gente tinha passado antes por uma experiência da greve da Perus. Eu tinha uns 7 meses de firma quando começou a greve da Perus em 14 de maio de 62, então a gente já tinha apreendido alguma coisa e nesse tempo também começaram a funcionar as comunidades eclesiais de base de Perus, um trabalho que foi feito antes por umas missionárias do instituto Cristo missionário da vila Guilherme e depois vieram aqui pra Perus os padres mãofortinos em 68 e eles começaram a incentivar a gente. Ai eu comecei a despertar para a responsabilidade de olhar pras coisas que eu não tinha que lembrar que só eu tinha problemas, que todo mundo tinha, que eu deveria ajudar e... essa vivencia de dentro da comunidade onde a gente tinha toda a liberdade de se encontrar com os irmãos e colocar os problemas que a gente tinha, todo mundo ajudava pra resolver, a gente dividia enfim as alegrias, as tristezas... Isso me ensinou muito e me deu essa responsabilidade de saber que como cidadão, perante a lei eu tenho alguns deveres a cumprir também, né? E ao mesmo passo que eu comecei a sentir também que não é só eu que tenho o dever mas o Estado também tem a obrigação de muita coisa. E aí foi que a gente começou... do movimento do lixão, nós tivemos que sair pra rua brigar contra o lixão.Teve a implantação do Recanto dos Humildes na Rua Julio Maciel, nós tivemos a oportunidade de enfrentar até divergência com pessoas da própria comunidade que achavam que não deveria se receber aquele povo ali, aquelas famílias no Recanto. E daí pra frente a gente foi... aí começou a aparecer o lixão... o movimento contra o pó de cimento. Teve foi uma

briga meio desagradável que a gente enfrentou contra o poder publico. Tem uma coisa: eu nunca fui preso, sempre vivi envolvido nesses movimentos, mas nunca fui preso porque justamente as autoridades gostam de prender as grandes ...as pessoas mais esclarecidas, mais... mais diretas na briga. Eu sempre aprendi a lutar junto com as pessoas, nunca fiz nada sozinho. Aí eu vi nascer o Recanto dos Humildes a parte de lá onde... e aí eu vi aquilo crescendo, o povo correndo, vindo, fazendo o seu barraco pra fugir de onde estava, fugir de aluguel e...eu sempre apoiei a luta...essa luta. Porque também envolvia a educação, transporte, saúde e principalmente na saúde...[E ao longo do tempo, aí? Eu vi muita...muita coisa acontecer] Muita coisa acontecer! Mas é gozado que...não sei ...existe uma coisa na cabeça do nosso povo que só lembra de correr quando apertou demais, não tem jeito mesmo, não tem saída. Então aí a pessoa lembra e... Perus acho que é um lugar marcado por lutas demais, né? Sempre luta, a gente nunca ta sossegado, uma hora...agora tem luta contra o pedágio...no do lixão, que querem implantar de novo em Perus. O transporte melhorou um pouquinho, mas precisa melhorar mais, o trem, precisa melhorar mais.Saúde, ta toda avacalhada. Educação. Quer dizer: não termina nunca; nós temos mais “faltura” do que “fartura” (risadas) tem mais faltura de coisas do que fartura. [E aí é um estímulo pra lutar? Por que aqui se luta tanto? Que tem lugar que tem muita “faltura” mas não se luta tanto! Qual é o segredo?]

O problema é as necessidades que são maior, né? E obriga a pessoa a se mexer...Sim, porque olha... pra quem viu uma luta de sete anos contra o J.J.Abdala ...

[Eu acho que tem escola aí,] Né? Tem porque, é aquela historia: a gente tava... ele encostou...encantou como se fala, encantou a gente e falou: “eu vou esmagar vocês!”. E aí a gente teve que se mexer e...conseguir não ser esmagado por ele. Eu acho que isso foi crescendo dentro da gente e... agora eu não sei se a gente vai conseguir passar isso pra filhos, netos, bisnetos.

Mesmo com referencia ao problema da greve da Perus, a gente fala com as pessoas...netos, filhos ...muita gente não sabe, não fala, não quer falar, né? E... luta do lixão, problema de saúde, aí... a gente tem que levantar de madrugada pra fazer manifestação contra lixão...eu acho que...não sei também se vai... se vai ter alguém pra lembrar disso!

[como é que se consegue manter essa memória viva assim?] É porque ...eu acho que a gente apanha tanto que no fim a gente fica sempre assim é...desconfiado que de repente vai acontecer alguma coisa ruim e que a gente precisa ta sempre prevenido, ne? Então principalmente, na questão da saúde, nós somos um grupo que sempre está conversando, se encontrando e procurando ver e pensando já, acompanhando o que estão fazendo de... que ta acontecendo de novo que vai prejudicar a gente ou não. Precisa ta sempre desconfiado pra não ser pego de surpresa.

Ah! Tem um episódio de saúde aqui que eu vou contar pra você...

Então eu tinha uma filha com uns três anos e pouco, quatro anos...no tempo da... greve da Perus, e alugaram uma sala aí na vila Hungareza... a secretaria de estado alugou uma sala e colocou lá um medico e uma enfermeira, pra atender principalmente as crianças e um dia uma minha filha teve desidratação, mas

não...diarréia brava mesmo. E a minha mulher foi levar a menina no posto de saúde...no postinho lá. E chegou lá, a enfermeira não deixou o medico atender a minha filha e era o tempo da greve, então a noite, nós íamos na assembléia aqui no sindicato e vinham uns médicos quintanistas lá da faculdade de medicina e vinham e davam atendimento aqui pro pessoal. E naquela noite a minha mulher veio e trouxe a minha filha, o médico que atendeu falou: “desde quando essa menina está assim?” minha mulher falou: “ah! Desde ontem”; falou “mas dona, a senhora tem coragem de deixar a sua filha ficar nessa situação?” aí ela falou: “não...eu fui no medico, mas cheguei lá no postinho, o médico não quis atender”. Aí tomaram o nome do medico, no dia seguinte veio...naquele tempo era o jornal ultima hora... foi na minha casa, tirou foto de tudo jeito, no dia seguinte saiu no jornal “médico do Abdala não quis atender filha de queixada” e aí a enfermeira foi exonerada. Foi exonerada! [Isso] Foi em 62 isso!...acho que era [o pessoal] da USP porque o maior conta o que tinha com o pessoal era na USP[eles participavam das discussões também] Participavam, eles acompanharam muito. E naquele tempo tinha a JOC, a juventude operaria católica e eram a maioria estudantes...os estudantes ali do São Francisco. Eles vinham e participavam muito com a gente, piquete e tudo com a gente. Da medicina também ...não lembro [de algum que ficou famoso], infelizmente não lembro...agora com [os]do movimento operário, eu encontro sempre, é muito meu amigo Waldemar Rossi, é um amigão e um lutador que esteve aqui naquele tempo, lutou com a gente aqui. Mas dos médicos, sinceramente não me lembro. As vezes acontece como aconteceu com você, de repente vem e diz assim: “você não lembra de mim?” “de quando? Onde?” “da greve e tal.” “ah, bom, então...estava lá” mas gravar assim nome...

[O senhor acha que todas essas historias todas aí assim, são o embriãozinho lá dessa luta pelo...próprio PSF? Dessa luta pela saúde?]

(silencio) foi! Foi sim porque a gente foi descobrindo as maneiras que existe... existe o direito que a gente tem e existe o direito de exigir que o estado cumpra o dever dele. Então ...eu acho que dessas pancadas todas que a gente tomou a gente foi aprendendo ...daí foi nascendo essa...até chegar no Conselho Popular de Saúde.

[Quem participava que foi importante pra construir o PSF lá: o seu Agenor, da Madalena, o seu Felipe] tinha o Mario, a Célia, o... quem mais? O Felipe já estava. O Mario era do conselho municipal de saúde. Foi conselheiro municipal. O Mario foi conselheiro municipal. A Célia também foi do conselho municipal.[Eles] Estão aqui em Perus ainda. Olha...agora eu não consigo me lembrar mais de todo mundo mas é o pessoal ...agora, porque eles vivem com mil tarefas aí pra cumprir...então eles são uma espécie de consultor pra gente, né? quando a gente [está]com alguma dificuldade...ah! tem o Dimas também...Todos de Perus...

[Em relação a mobilização da comunidade] Ah...aí eu tenho uma reclamação, viu? Eu acho que ...aquela coisa que acontece, né? Briga-se por uma coisa, quando consegue: “agora eu não preciso mais correr atrás de nada”. Eu noto isso um pouco lá, no Recanto.

[Que teve uma mobilização toda pra conseguir...] e os aproveitadores, os políticos

proveitadores que...continuam chegando com os adeptos deles cada um dizendo: "Não eu...eu ajudei...não sei o que , não sei o que" as vezes não ajudou nada (ênfase) mas para as pessoas menos esclarecidas , consegue votos para esses ...esses políticos que não fizeram nada mas...Usando o PSF : "ah o PSF é luta nossa! Olha aí , ó ! fulano de tal mandou ofício pra secretaria , falou com não sei que, não sei que." Falou nada! Mas, né? Usa!

[E podia ter ido então um pouquinho mais longe]Poderia ter conseguido nossa... até mesmo uma luta por um hospital que Perus precisa né?! Houve um tempo que eu achava que Perus não tinha necessidade de hospital porque eu pensava assim , se a secretaria implanta uma UBS em cada vila de Perus, a UBS vai fazer aquele trabalho, equipa ela toda, a UBS vai fazer aquele trabalho de prevenção. O pronto socorro fica para um atendimento de emergência e os casos de internação a gente mandaria para o hospital de Taipas. Mas agora ta tudo ruim, o hospital de Taipas ta caindo pelas tabelas, a UBS que a gente... As UBS que a gente pediu não vieram. E o PSF do Recanto só não vai dar conta...porque aqui é Perus e Anhanguera. A população entre Perus e Anhanguera já estima-se em 140 mil pessoas. Nós estamos vendo construir ali na vila Caiuba um PSF , então vamos ver quando que inaugura e esse também já vai diminuir um pouco o numero de pessoas que vão procurar ...[o que atrapalha de concretizar esses projetos todos]De construir, de construção de melhoria da saúde? Falta de vergonha de...de...de... falta de vergonha, falta de capacidade da prefeitura . Não tem...quantos , quantos bilhões foi reservado para a saúde nesse ano no município? Foi três bilhões? Três bilhões, não é? Então! Eles pegam esses três bilhões, jogam tudo na mão das organizações sociais e não cumprem, não fazem aquilo que é necessário. Então se chega aí ...são equipamentos que faltam , contratar médicos e tudo. É isso que eu falo: é incapacidade de administrar da prefeitura. É por isso que existe isso...

É... o conselho popular de saúde , eu digo que sim...eu defino assim que ele é uma espécie de pai , porque no conselho de saúde todos participam, todas as pessoas, os conselheiros dos conselhos gestores, de UBS, de pronto socorro...então juntando toda essa gente, toda reivindicação que a gente fazia era em nome , através do conselho popular de saúde para determinadas unidades. Como pronto socorro, UBS...e outras coisas. Então ele era...eu digo assim que era o grupo maior que tinha toda ...tinha uma visão, eram todas as pessoas que tinham uma visão geral da necessidade da melhoria de saúde no bairro inteiro. Ninguém olhava só para a minha vila, minha rua, não! Olhava de uma forma geral pra toda necessidade da população de Perus e principalmente do Recanto dos Humildes.

[E ele era autônomo assim ? ou era ligado a secretaria?]

Nós tivemos que fazer... houve uma eleição, tem um regimento interno, foi aprovado em assembléia e ... a gente tem uma ligação com a secretaria.É reconhecido porque a secretaria teve que publicar , mandar publicar o nome de todos os conselheiros. Tem 25% da administração, 25% de trabalhadores da saúde, 50% dos usuários.[E ainda funciona o conselho]Ainda funciona, se bem que agora com a nova administração, quis trocar de coordenação de saúde norte...não sei o que , não sei o que. Pra nós, nós

somos ainda o conselho popular de saúde de Perus.

[E o conselho] continua como pensava antes e com muito mais vontade de brigar agora porque... Com essa intenção do prefeito de sucatear toda a saúde, pra nós é uma preocupação muito grande e a gente percebe que não se pode ficar calado, porque nem mesmo os nossos vereadores, não nos apoiaram. A gente não esquece nunca que essa lei que foi aprovada na câmara pra que a prefeitura, a secretaria pudesse entregar para as organizações sociais os equipamentos de saúde... isso foi aprovado de madrugada na calada da noite. E então a gente percebe que não pode, tem que ficar mesmo esperto, olhando sempre e prevenindo para que não deixe as coisas piorar, mais do que está. Isso. Vigando sempre.

[Esse conselho começou] Era gestão da...da Erundina, 89-90. Passou Maluf com o PAS, aquela tranqueira toda. A gente sempre fez muita oposição ao Maluf e depois veio o Pitta, enterrou praticamente o sistema de saúde. E... depois veio a Marta que era a esperança que a gente tinha de que ela, sendo do partido que a gente militava, de que ela iria dar uma atenção maior para a saúde, ela também não deu toda atenção necessária, né? Enfim passaram e chegou no que está hoje.

[Como é que consegue superar tantas mudanças e resistir? O conselho resistiu a muita história, né?]

A gente é obrigado, né? Obrigado a resistir, obrigado a se manter firme porque a audácia dos que querem estragar ou denegrir o trabalho da gente é muito maior. Então nós só temos a força, por exemplo: nós podemos dizer do conselho de Perus, no momento não temos nenhum vereador que possa dizer pra gente: "olha, eu vou acompanhar vocês nessa luta, em tal lugar, em tal audiência." Não temos mais, as pessoas que...temos amigos, alguns amigos que...aceitam... recebem as reclamações da gente, procuram encaminhar. Mas vereador mesmo, a gente não tem mais.

É [difícil]! E agora quando chegar a eleição, a gente vai ter que dar a resposta pra essa gente, né? Eles vão ter que receber a resposta... e aí a gente espera que o povo, o usuário como nós, saiba reconhecer que as coisas não andam bem e que se estão como estão é porque existe ainda os conselheiros gestores, o conselho popular de saúde que... continua aí lutando.

Vitoria Regia A pavimentação foi os próprios moradores se reuniram e cobraram, é reivindicação deles mesmos, dos moradores. [O PSF ajudou] ajudou muito porque o PSF mostrou; ninguém enxergava, o PSF veio pra mostrar e falar ó: "Tem isso e isso... pra ter saúde tem que ter condições de moradia", então o PSF ajudou que ele mostrou, e aí os moradores da comunidade foram atrás. Mas com a ajuda do PSF com certeza.

Papagaio [O importante nessa história toda é] que a gente teve bastante benefício, que a gente chegou aqui sem nada e hoje a gente tem escola, tem feira, tem creche, tem ônibus, né? O meio de transporte tá organizado...eu acho que muita gente chega aqui: "Nossa que lugar feio!" Nossa, eu acho que não é lugar feio, eu acho que foi lugar feio, não é mais! [O que fez conseguirmos tudo isso] Ah! É lutando,

Conscientizando, falando pras pessoas tentar melhorar que a gente quer ver um lugar bonito, a gente tem que viver melhor mesmo. E é muito bom! [Essa luta] Ah! (risos) as pessoas pondo na cabeça, eles falam que “eu tenho que melhorar, não vou ficar a vida inteira esperando que alguém faça... eu vou fazer a minha parte” Se cada um fazer a sua parte aí no final tá tudo feito, né? Eu acho que cada um fez aqui um pouquinho e também o Galdino, que era o seu Agenor e agora é o Galdino (se refere à Associação) eles tão sempre lutando pra melhorar e é junto com o povo. E isso resolveu bastante.[O Galdino e o seu Agenor trabalhava a partir da Associação] É, eu não sei muito dessas coisas. Eu não infiltrei muito, mas eles ajudaram bastante.O conselho! E eu lembro uma vez o Galdino falou que a gente tinha que priorizar o que a gente queria pro Recanto. Uma das reuniões, que a gente tinha que insistir. Tanto que essas escolas lá de cima, eu acho que foi muito o povo que insistiu, porque não tinha e cê vê que agora...a gente faz as visitas, não tem mais criança fora da escola. De quando um tempinho atrás a gente ia na casa, tinha um monte de criança sem estudar e hoje não, hoje tá todo mundo na escola. Quem tá sem estudar é quem veio do norte e tem que pegar transferência, as vezes não consegue.Eu mesmo dormi na fila 2 dias antes pra conseguir vaga do meu filho. Então hoje não tem mais isso. E eu acho que é do povo mesmo, o pessoal se unir e conseguir.[E reivindicar] É! [E brigar] Isso! [Do céu não caiu nada?!]Nada! (risos)

São Matheus Quando movimento de saúde já tinha o Sebastião, tinha o Felipe, tinha a questão do lixo... eu também participei da luta contra o lixo. Eles já tinham participado da luta contra poluição da fábrica de cimento que eu ouvi falar que é uma das primeiras lutas ecológicas,⁷⁰. Hoje tem greenpeace, tem varias ONGs aí lutando, mas o pessoal lutava sem essa questão de meio ambiente, questão de população mesmo, as crianças que eram as mais prejudicadas, ne? E aí eu entrei no movimento apreendendo com eles: João Breno, Antonio Nobre, dois falecidos....

[O conselho passou por varias gestões e consegue ainda se manter e tal apesar dessas mudanças que acontecem]...eu acho que muitas pessoas quando vêm a gente participando de um conselho falam “Porque que cêis paticipam, cêis não conseguem nada, né?!nossa ó!continua sem medico” mas na verdade a gente sabe que se lutando ta difícil, se a gente para de lutar ai que a coisa...ai que eles vão tomar conta.E a gente vê assim que...tem governos que se preocupam, tem governo que não se preocupam com a população.A gente percebe também que depende do gerente da unidade, depende do coordenador da região também.Então isso também depende...dependendo do governo, o governo dá uma certa abertura e o gerente também tem uma certa abertura, a gente consegue avanços e...o exemplo na época do PAS, na época do PAS foi implantado primeiro aqui em Perus - Perus Pirituba e a gente fez uma manifestação contra até por questão das O.S também, uma coisa que a gente não sabia como seria, os próprios funcionários, nós fizemos uma pesquisa, eles também eram contra, fizeram uma coisa de cima pra baixo e...a população foi contra, a gente foi contra, foi votado na conferencia contra e a coisa aconteceu, né?! Então a gente vê que essa coisa vem de cima pra baixo e ai a gente...ai o que aconteceu: depois que

saiu o PAS, que saíram as O.S e tudo mais, nós fomos fazer uma visita por exemplo no posto de saúde de Perus, eles levaram tudo, tudo que tinha de equipamentos, até dentista por exemplo eles começavam a desentortar que tava enferrujado porque é o que eles tinham pra...então tinha o profissional lá, tinha dentista, mas ele não tinha o equipamento pra trabalhar porque eles levaram, quer dizer, a gente perde totalmente o controle. A população, como é que nós vamos...e eles levaram, foi comprovado que foi roubado e tudo mais e o dinheiro...tá tudo bem, não vai prender ninguém mas: que todo esse dinheiro volte! Não volta, né?! Então até você montar tudo isso de novo...da questão do PAS, cê montar tudo de novo tal, é difícil,nê? Então a gente tem esse altos e baixos. Então quando a gente tem uma vitória, a gente: “oba!!” Mas é o tempo de tomar um fôlego, pra já...né?! Mas essa questão de governo é assim, se o governo ta... infelizmente tem toda essa verba que vem na época de eleições, a gente sabe a saúde, construção civil sempre investem muito, dão muito dinheiro pra todos, quem ganhar a gente sabe que acaba com o rabo preso. Isso influencia muito porque aí eles tem que fazer o jogo das empresas... dos planos de saúde e aí a população sai perdendo também.

[De início o pessoal pensava não na questão da saúde], não. Na realidade eu sempre vi uma luta muito grande na questão da educação. Então ia aparecendo a necessidade o pessoal ia lutando. Uma outra coisa também é que os movimentos sociais teve sua alta e teve sua baixa também, não só a saúde; saúde, educação, sindicalismo, tudo. Então teve um momento de alta que tava todo mundo em São Paulo lutando. Eu acho que 80, 90... tava 80 subindo, época de 90... aí já começou então essa questão do golpe militar que o pessoal até... que na questão do golpe militar tinha um povo, que era consciente e sabia e tinha um povo que não entendia nada...que achou que o golpe militar foi bom ,os militares foram bons. Então quer dizer em 80 essa ascensão dos movimentos, não só o movimento popular mas os movimentos sociais... eu acho que depois caiu isso e... isso de cair as pessoas lutam menos, tem menos consciência, lutam menos. Então acho que também a gente enfrenta isso hoje muito mais , se você tem um povo consciente, organizado, se você consegue lutar mesmo assim você tem as barreiras. Agora se você não tem um povo consciente que ele ta sendo explorado, que ele precisa lutar, aí você não consegue, então ficam grupos pequenos quando antes você tinha grupos maiores. Os grupos, os movimentos conseguiam se unir, um exemplo nas manifestações que a gente participa hoje, se vê que eles falam muito no passado , mas hoje no presente ce não tem gestos concretos, o que mais tem é o MST, né?! Mas os outros movimentos não têm aquele é ... militância realmente, aquele povo de base mesmo.

E infelizmente uma outra coisa que aconteceu é que as vezes a pessoa acaba sendo cooptada e aí acaba: “oh! ce é muito, vou te colocar aqui num cargo” e... a pessoa infelizmente, não são todos, toda regra há exceção, mas acaba mudando a cabeça. Dizem que a pessoa pensa conforme o pé pisa então se a pessoa ta lá no barro fala: “não!Vou querer que aqui tenha asfalto”. Mas se a pessoa pensa, tá numa caminha quente, num carrinho lá, ela fala: “ Opa! Não quero perder esse carro nunca mais” então a gente tem que tomar muito cuidado com isso, vigiar e orar porque senão a

gente acaba sendo cooptado. Isso movimentos se a gente não tiver sempre reunidos, conversando, um puxando a orelha do outro... é até interessante que no nosso movimento, no nosso grupo não tem essa coisa de um querer ser melhor do que o outro, a gente consegue se entender nas nossas diferenças. Mas tem grupos aí que é...e aí se tem isso também,né? Se o próprio conselho não se entende como é que se vai... a gente aparentemente não tem essa...tem suas diferenças mas nada que atrapalhe o andar do movimento e às vezes tem isso também, não querer parecer ou querer, né?...

[O que me levou pro movimento de saúde]... Então na verdade eu sempre fiz parte das comunidades eclesiais de base da igreja católica e...tá sempre ligado uma coisa ou outra. Aí eu comecei a participar do conselho popular que reunia as pessoas. Aí apareceu a eleição dos conselhos gestores a gente acabou participando e quando se vê se... e uma coisa que eu percebi também que as pessoas só aprendem participando. Não adianta eu ir numa reunião, reunir mil pessoas,ou cem que seja e contar: “é assim, assim, assim...”As pessoas vão ficar olhando,vão balançar a cabeça, mas se a pessoa não for pra luta e não sentir ela nunca vai... é difícil ela entrar pro movimento só ouvindo.Ela tem que ir pra luta, participar de uma manifestação, sabe?E ir aos poucos, não é de uma, duas, três porque se ela só ouvir ela não vai pegar gosto, não? Ela tem que ir às vezes...eu lembro que na época da manifestação do lixão, a primeira, uma das primeiras do lixão, fui eu, minha mãe o pessoal da comunidade foi. Foi quatro horas da manhã, a gente levantou soltando bomba, apitando, se a gente estava de pé, todo mundo tem que estar de pé. Choveu! Quer dizer tinha tudo...e aí eu falei pro meu pai e pra minha mãe: “ Oh, vamo porque é uma manifestação pacífica e tal” e aí tinha polícia, teve gás, bomba de efeito moral e jogaram na gente tudo, e eu falei “ Nossa eu falei que ia ser pacífica né?”! E aí quando o meu pai voltou pra casa eu falei “Agora vamo ver né?!” E ele falou: “ É, eu vi que eles foram...” Que eles apareceram do nada e começaram a jogar as bombas lá...muita gente ficou mal, passou mal...foi interessante que eles participaram mas não ficaram com medo. Quer dizer, tirando pelo meu pai e pela minha mãe...nas outras partes eu fiquei pensando assim: “ Poxa nunca mais eles vão” E ao contrário, depois dessa só se não desse mesmo, se tivesse trabalhando, alguma coisa assim que impedisse, mas em todas que teve depois eles foram, por isso que eu falo se a pessoa num participar... e no caso deles foi um negativo, porque na primeira lá já teve bomba, já... como diz o outro “já foram batizados”. E mesmo assim eles...eu acho assim é participando ...mesmo com coisas boas ou coisas ruins a pessoa acaba tendo gosto, mas senão não vai, falando não vai...

...eu não lembro exatamente o ano [das manifestações],eu sei assim teve... a gente fechou Perus pra se manifestar contra o lixão que tava pra vir. Depois teve a luta contra incineradores. Eu não lembro exatamente...Eu tinha acho que uns 20 e poucos anos. Acho que [tem uns 10 anos mais ou menos] , teve contra o lixão, contra os incineradores, a questão dos créditos de carbono que tá tendo agora também. A gente lutou pra que viesse dinheiro pra saúde e não veio, nós fomos lá na bolsa de valores no dia que foram leiloar os créditos de carbono as duas vezes não pudemos entrar,

nós colocamos faixas o pessoal passava, perguntava a gente explicava... quer dizer, a gente se manifesta assim, mas a gente imagina assim, se tem um grupo maior, a coisa acontece, se tem um grupo menor é mais difícil...mas a gente se manifesta do jeito que dá, né?

[Ultimamente a bandeira ,a luta] na questão da saúde é a efetiva implantação dos SUS, Sistema Único de Saúde, que tenha médicos, que tenha realmente ... e a gente luta, como movimento de saúde, a gente luta pela prevenção. Então hospital é uma consequência mas se a pessoa, se a população tiver prevenção, unidades básicas de saúde , PFS, a questão da prevenção, dificilmente ela vai ficar doente. Então tendo prevenção, quando ce for no hospital é um caso já mais grave ...Então a gente luta pela prevenção e a população não, quer hospital .a gente fala: “ Ó! Vamo se manifestar, vamo fazer isso e tal..” Então até essa questão de conscientizar o povo que a gente tem que ter... Medir pressão, ter remédio, ter alimentação, não adianta .. tem que ter... a criança desnutrida, né?Então tem tudo isso a saúde não é só o médico, né?! É um todo e as vezes a população não tem... então cê tem que conscientizar, conversar.

[O trabalho de aproximação do movimento com a grande parte da população]...a gente faz reuniões nas comunidades também. As vezes a gente dá avisos, às vezes quando a gente vai nas unidades a gente conversa... mas a gente não consegue reunir um grande numero. Nós já fizemos essa coisa de... fazer panfletinho, sair distribuindo e convidar... acho que o numero que a gente conseguiu maior nesse negocio de distribuir convitinho, acho que foi... a gente até deve ter ata, acho que foi umas sessenta pessoas, que pra gente é um numero bom más se você for olhar a nível de Perus é um nada. Então essa questão de conscientizar a população é difícil ... o que você consegue é mais esse trabalho de formiguinha, conversa com um, conversa com outro, e ai ce vai conseguindo, esse outro passa pro outro, assim...mas um trabalho assim de massa de um numero grande, já não consegue. Nesse sentido que eu falo que os movimentos populares caíram ,não conseguem esse número grande de conscientização, ce vai conscientizando aos poucos!

[Esse grupo que eu chamo de movimento popular, o movimento popular de saúde aqui na nossa região to considerando que faz parte]...teria a questão do conselho gestor do pronto socorro, conselho gestor do PSF do Recanto e conselho gestor da UBS de Perus ...a gente reúne até o povo das comunidades por exemplo a do Caiuba lá de cima, então como a luta é do Caiuba a gente reuniu o povo de lá. Nós fomos fazer uma visita lá na unidade que ta sendo construída, que também vai ser PSF e a gente chamou a população de lá. Então esse radio peão, um vai avisando o outro, um avisando o outro e ai a população vai, então isso é interessante também ,tem que mostrar que não é o conselho sozinho que faz a coisa, é o conselho junto com a população. O conselho tem um pouquinho mais voz, vamos dizer assim, é o que fala, mas é a população quem pede, não é o conselho sozinho não! [Hoje] como a gente sempre ta próximo, conversa com um, conversa com outro, conversa nas reuniões. Antigamente a gente se reunia mais, se reunia mensalmente, trazia os problemas...hoje não, a gente se reúne se aparece um problema, a gente se reúne ,faz ofício, fala na

reunião “Ó na reunião ce fala isso, ce fala isso!” pra não ficar um só, né?! ... antigamente tinha reunião mensal. já chegamos a chamar os políticos, pra falar: “Oh! Explica pra gente o que ta acontecendo, como é que a gente pode...” Nós já fomos falar com o prefeito, nessa gestão, fomos falar com o Kassab ai ele... indicou um vereador pra falar com a gente ... quer dizer se aqui embaixo a gente não consegue, a gente vai em órgãos maiores... Mas o que a gente percebe é que também na questão da saúde, mesmo a Secretária Municipal da Saúde ela não tem o poder de decidir, de deliberar. Eles só fazem o que mandam, eles não tem esse poder assim: “Oh! Então vamos fazer isso!” a carta branca: “Oh! Pra melhorar a saúde de uma população, ce tem a carta branca pra fazer o que quiser!” não!então quando a gente vê: “puxa, Parece que esse secretário da saúde vai fazer alguma coisa”, muda... Então o secretário, acho que até o do Estado, Barradas, não sei ...eles nem são médicos, uma vez um falou assim: “eu não sei, eu não sou médico” Então quer dizer...tudo bem eles tem que saber gerenciar, mas eles não tem essa preocupação. Eles mesmos acabam falando: “ Eu não sou médico, eu não sei” É meio complicado...então tem que ter um conhecimento, ce tem que ter um pouquinho de... e a gente vê que os governos não tem esse tipo de preocupação.

Nós fizemos até uma formação também ,conseguimos também reunir umas 50, 60 pessoas foi até no Anhanguera que vieram falar pra gente como organizar...porque eles até dão formação pros conselhos gestores, o próprio governo dá .Quem fez a formação foi...gente da União do movimento populares e ai eles foram lá falar pra população também e...é interessante mas não basta uma, sabe? Tem que ter... e são pessoas que já estão em determinados movimentos, já estão nas comunidades, então tem uma certa consciência. Agora pra conseguir consciência de um povo que só vai no hospital, vê que não tem médico e volta já é...

Nova Flor...[devia ser diferente a falta de interesse das pessoas em participar] Sem dúvida.[E o PSF poderia ajudar a mudar isso] tem ajudado , na verdade porque tem alguns desse moradores que fazem parte de alguns movimentos também . Então já ajuda bastante. Só que tem alguns que não se interessam mesmo, que acha que é bobagem, acha que não vai resolver nada. Enquanto 2 – 3 – 5 está ali eles acham que está jogando tempo, é tempo perdido. Eles acham que: “ah é reunião, só vai lá ouvir , só...”essas coisas.

Paulo Freire Olha, eu não sei se a gente fica muito dentro e ai corre o risco de não enxergar o que já avançou. Talvez quem venha de fora tenha mais essa percepção. Eu tenho dificuldade de enxergar os avanços. Avanços, quando eu digo, eu falo da questão da participação popular. Eu vejo assim o conselho da comunidade eu acho que é lá um avanço, ainda tímido, mas é. Mas eu tenho uma ansiedade danada de ver as pessoas atuantes, brigando, brigando no bom sentido, lutando, exigindo para que a qualidade do ensino melhore, participando dos conselhos de escola que ainda têm muito pouca adesão popular. O conselho da unidade, que ele fosse um conselho maior e mais atuante mesmo. Eu vejo que tem pouca gente, ainda tem uns poucos que estão

lá e que têm um grande potencial, mas é preciso que se acorde mais gente e que as pessoas tenham isso não por uma obrigação chata, mas por um desejo de melhora, de qualidade de vida. Um desejo de concretização da cidadania. A gente ainda tem aí muito presente, pra nossa tristeza, a questão da violência...É uma coisa assim do arco da velha. E as pessoas que estão mais vulneráveis são as que estão mais fora desse processo de discussão, são as mais difíceis de despertar. Elas geralmente nem admitem que precisam do cuidado. Do cuidado da saúde. Geralmente elas só vão no P.S. quando elas tem uma necessidade urgente e aí você...eu me vejo assim: eu estou lá pra oferecer um atendimento, pra oferecer a possibilidade delas serem atendidas e eu fico meio com a pulga atrás da orelha quando a pessoa diz que tá tudo bem, que ela não precisa. E quando o entorno dela tá denunciando que ela sim está mais vulnerável, isso pra mim é muito preocupante. É ver que em algumas coisas a gente avançou e noutras a gente está ainda tão....tão pra trás...

[...houve uma mudança nessa característica do governo chamar as lideranças para discussão e decisões] houve. Houve, e eu acho que tá havendo um retrocesso da organização popular por causa disso. Não existe um investimento na figura da liderança. Isso não existe, tem meia dúzia pra responder por um mundo que parece que é a política do enfraquecimento da liderança mesmo, não precisa de liderança. E isso é muito desastroso.[Isso tem repercussão no PSF] Eu acho que a qualidade da organização de uma comunidade é fundamental pra avanço, qualquer avanço, né? A participação popular, eu acredito que é muito importante. Eu falo de participação popular é...de participação popular! Do povo! Em que o povo possa formular, pensar as suas necessidades, falar, discutir, e ver a necessidade sendo mudada! A realidade sendo mudada. Eu vejo aí umas articulações pra manter o que já tem, pra conformar; que é isso mesmo, que isso não passa disso. E isso me...isso nem me preocupa mais, isso já me calejou. E aí eu me vejo assim aquela...o espantalho, né? No meio dos outros...puxa vida, eu penso assim...eu não me arrependo de pensar assim, mas parece que o meu pensamento é um pouco diferente demais dos demais. É muito mais fácil se conformar com o que já tem, é muito mais cômodo achar que esses problemas aí, não tem nada a ver comigo não. É muito mais fácil achar que: “Ah, eu sozinha não vou resolver muito problema, não”. É o se consolar muito fácil. Eu não acho. É claro que as vezes isso me causa sofrimento e sofrimentos significativos mas também isso me dá alento de pensar que eu não posso parar. Se eu perder essa ótica, se eu não olhar por isso, eu me desestimulo.

São Matheus -...a gente ia numa reunião falava: “Oh [ta] acontecendo isso, isso e isso.” Então pra não ficar um só falando, um batendo, quando um falava outro acrescentava, essa era a discussão

Porque senão... eu lembro que uma vez veio um secretário, uma secretária da saúde que fizeram um café bonito, pão de queijo, aqueles croassants, suco, todo mundo lá comendo. Ai tinha um grupinho, tudo sentado conversando: “o problema é esse, vamo colocar isso, isso e isso...” foi até o Gonçalo Vecina o Secretário da Saúde... aí o pessoal comendo o lanchinho, o suquinho e a gente lá uns 4, 5, 6, tudo

conversando. Ai o...“ Ué? Cêis não tão com fome?Não vão comer não?” Ai a gente : “ Não, a gente ta pensando aqui, nós já vamos comer!” ... a gente tava falando: “ é importante falar isso, é importante falar isso...”cada um : “oh, você fala isso, você fala isso...” Pra não ficar... uma das coisas que nós questionamos o Secretário na época era a questão de saúde bucal: “ Sabe que voces fizeram uma boa pergunta ! Eu não sei mais eu vou ver!”e até hoje a gente sabe que saúde bucal, as pessoas não tinha e dente é muito caro ...então nós perguntamos pra ele na época e ele: “puxa, é uma boa pergunta, eu não sei , eu vou ver”. Depois vieram algumas coisas, parece que teve até conferencia de saúde bucal mas... dentistas que queriam trabalhar e estavam em outras áreas porque não tinha, e até hoje não tem... Então eu acho que essa questão era interessante. Quer dizer, o pessoal em vez de tomar o cafezinho, não! Vamo se organizar pra não ficar faltando nada na fala, né?! Nós já fomos em conferencias, a gente participou. A gente participou de reuniões também. As vezes na coordenadoria, às vezes fora da coordenadoria, às vezes tinha reunião especifica, a gente convocava, mandava uma cartinha: “Olha , nossa pauta é essa!” ... e pedia, questão de segurança lá no PSF ,a gente trazia o assunto: a pauta é essa e essa. A gente questionava. Então muitas vezes foi assim com officios, fazia o pedido: Oh! Nós queremos uma reunião e a pauta é essa. E chegava lá e questionava. As vezes era atendido, às vezes era justificado, não vinha mas tinha essa justificativa.

... certas coordenadorias, por exemplo, entrou um coordenador que a gente não se deu bem com ele. ai numa reunião ele até deu pulinho literalmente de raiva falando, não citou nomes mas a gente sabia que era do nosso grupo. E depois a gente foi trabalhando junto e a nossa convivência foi muito boa, conseguimos muita coisa., não vou citar nome pra não ... mas a gente conseguiu se entender. No começo a gente não se entendia não. Depois ele ajudou muito até nessa questão do PSF. Ele conseguia as equipes, corria, tal. Muita coisa que a gente conseguiu do PSF foi daquela época então aconteceu isso, né?! No começo a gente não se entendia. A gente queria uma coisa, vinha outra, era outro. Ai não sei o que aconteceu, mas no final a gente se entendeu muito bem. A gente assim: O grupo com ele. E a gente conseguiu muita coisa. Então isso que eu falo: depende do governo, depende do supervisor, do gerente, depende de tudo, se ele tiver realmente comprometimento com o povo, acho que até consegue alguma coisa, mas se ele tiver comprometimento com o governo, for indicado, por questão eleitoral, ai a gente ... a gente apanha muito porque ... quer queira, quer não, ele vai defender o outro interesse, e tem os que por exemplo como esse que a gente não se entendia e no fim seu certo. A gente conseguiu as equipes, a gente conseguiu o espaço. O que a gente conseguiu do PSF, começou naquela gestão, com aquele coordenador. Antes a saúde era Perus, agora não, é Perus é Pirituba. Antes era só Perus, a gente tinha um gerente, um supervisor vamos dizer assim, em Perus. Então a gente conversava direto com ele, ele tava aqui, ele sabia tudo, né? Hoje a gente fala e a gerente: “ Ah é lá, eu preciso ir lá !” É uma área muito grande pra atender,uma área muito carente. Se é uma área que tá tudo certinho , ce ia falar, né?! Mas tem muitos problemas. E nessa época não, tinha só ele pra coordenar Perus e Anhanguera. Foi mais fácil depois negociar. E foi ele que deu... a gente pedia, ia

encaminhando, a gente via: “Olha a gente quer isso”, ia encaminhando. A gente via a coisa acontecer realmente, os ofícios os pedidos... eu lembro que no orçamento participativo de 2001, a gente votou em 100% PSF, quer dizer, mesmo não tendo conhecimento, que era uma coisa nova, a gente falou: “Bom se é o médico na casa da população isso é bom, né? Esse contato.” E a gente votou, passou. Pra isso realmente acontecer foi outra luta, mas já. Esse [O.P.] foi no gavião... tinha as várias: Saúde, Educação tinha moradia; e aí cada um ia pôr a sua proposta. Colocava a proposta, várias propostas tinham, e depois eram votadas as prioridades. Então um dos orçamentos participativos na área da saúde foi 100% PSF. Então a população entendeu e votou.

Mococa O conselho popular, na verdade ele... foi o seguinte... a gente acabou... um pouco da troca de experiência. Nós tínhamos aqui no passado histórico a questão da discussão, como eu disse no início da minha conversa, a questão do meio ambiente e a questão de não vir o aterro sanitário ou lixão. Com isso na mão, com essas preocupações, a gente naquele momento já... conversava com pessoas de outra região... principalmente o pessoal da Zona Leste... a zona leste tinha já experiências anteriores ao SUS que era o conselho popular de saúde, eles tinham criado lá já e quando a gente começou a luta mais intensa aqui com relação ao aterro... ao lixão, a gente... solicitou, encaminhou e conseguimos que esse pessoal da Zona Leste viesse até aqui em Perus, contar um pouco da experiência vivida porque eles tinham ... (o) movimento popular de saúde da Zona Leste é bem mais antigo, talvez o mais antigo da Cidade de São Paulo, até onde eu sei. então e... gente... aí para poder caminhar, poder entrar no barco, o caminho mais curto era criar um conselho popular de saúde, quer dizer na minha visão é... que com a batata quente na mão, com o problema que nós tínhamos aqui, nós tínhamos que conseguir parceiros pra poder caminhar junto e então usamos entre aspas, contamos com a colaboração desse pessoal da Zona Leste que nos orientava, que a gente costuma dizer assim que a gente aprende o caminho das pedras e aprende o caminho das pedras, andando. E... andando, caminhando, chegando lá nas autoridades... tivemos inúmeras pessoas famosas a nível de estado, a nível mesmo da câmara municipal... na época tivemos que nos aliar, junto com outros movimentos e caminhar junto, cada um com a sua particularidade, entende? Mas numa luta em comum, em benefício da população... então o caminho mais curto entre, entre a população e os conselhos já existentes seria o conselho popular porque o conselho popular ele.. que os conselhos de saúde, seja ele qual for, gestor, municipal, estadual, ele tem regras próprias e o conselho popular de saúde não tem... você cria, você cria e você adquire, você faz, você pode, pode ter lá, você faz, pode ter o estatuto, um regimento, alguma coisa, alguma coisa e tal, mas ele não tem limites, entendeu? Ele não tem limites, você reúne 10, 20, 30, 50 não tem número. E os conselhos oficiais, tem números, se tem que obedecer regras. Isso hoje... popular de saúde, não! Ele não precisa disso, até porque senão não tem sentido popular. O que é popular? Senão, não tem sentido. Agora... os conselhos oficiais, é aquele negócio, por exemplo esses se reúnem, as portas são abertas, tudo bem, o auxiliar tá lá, seja o

conselho qual for, você pode ir, qualquer cidadão tem direito, a porta esta aberta, pode participar, pode... chega... entra, pode até assinar o livro de presença e tal mas ele não tem direito por exemplo, dependendo do conselho, nem a voz quanto mais o voto. Portanto ele fica... é um aprendizado, é um aprendizado, cê vai lá, não é prejudicial a quem quer que seja, assistir a uma reunião do conselho, seja ele qual for, só que tem esse detalhe, como ele tem que ter números, ele tem que ter corum, não sei o que, todas aquelas regras. O conselho popular de saúde não precisa disso, quanto mais gente tiver e assinar embaixo, melhor, entende? Ai cê faz uma ata...você faz um abaixo assinado... você faz... Ai você arruma um padrinho seja quem for pra protocolar aquele documento e vai em frente e vamo que vamo. Então a diferença é... é interessante ela existe e é real e tem muita gente famosa ai que os primeiros passos foram dados no conselho popular de saúde. Olha, pro cê ter um a idéia, tem deputado federal e estadual, tem uns quatro que participaram dessa coisa...Eduardo Jorge, por exemplo, participou muitas vezes do conselho popular da saúde da Zona Leste, Eduardo Jorge, que é hoje secretario do governo municipal. Carlos Neder, que foi deputado, que foi vereador, que foi secretário da saúde, caminhou na zona leste. Zona leste caminhou Eduardo Jorge, Carlos Neder... ói...tem uns quatro figurões ai de renome é... caminharam...[...] tem mais um nome que eu esqueci, mas num cai a ficha agora, mas um...é nome...às vezes eu esqueço...sou ruim de nome, mas com certeza tem mais uns dois nomes ai famosos, deputados federal, que também é... a origem das caminhadas...teve daquele que chegou e chegou era tão difícil na época que trancou a matricula (risos) na faculdade pra continuar é... na caminhada e tal e foi lá no meio ...pisar na lama pra poder ...[...] Zona Leste tem muitas pessoas que eu conheço que participaram e então é incrível ... [...]colaboraram com nós, nós não tínhamos, e... eles são mais antigos, é o mais antigo da unidade de São Paulo. O daqui ele cresce agora com o lixão..... ele começa com a implantação da.... luta contra o pó de cimento

Mobilização popular:como foi, como poderia ter sido a parceria com o PSF.

Beija Flor [...essa segurança que se sente tando aqui em poder andar pelas ruas sem medo da violência vem] Pela atividade que a gente implantou, né? Que eles tão acolhendo nós a partir do início que eles viram que a gente tá aqui é pra ajudar, a gente tá plantando uma sociedade melhor. Conseguimos muita coisa que nós também batalhamos bastante com eles, com a comunidade, com a associação dos bairros das comunidades, como implantação de esgoto, benfeitoria de pavimentação É todo asfaltado hoje aqui ,o que há 3 anos atrás era tudo esgoto aberto, era tudo terra, dificuldade que a gente tinha até pra fazer visita que não tinha pra onde passar. Hoje já nós temos uma pavimentação muito boa que a gente consegue ir pra qualquer lugar das nossas áreas. Então a gente conseguiu também com eles, batalharam junto com nós. Então nós temos muito apoio deles, a gente temos a conscientização desse pessoal da comunidade que a gente tá aqui é pra ajudar, não pra atrapalhar em nada. E eles nos ajudam, né? Eles também nos defendem, procuram tá mais próximos de

nós. E não aquela visão de... de tão consciente que nós tamos fazendo...

[...essa parceria da comunidade com a unidade do PSF foi construída]... com bastante contato com a população né? de corpo a corpo. A gente tá sempre na residência deles, procurando eles, trazendo eles pra nós pra tá... né? Em grupos, a gente faz os grupos nas especialidade com hipertensos, diabéticos, gestantes. Então a gente conseguiu ter um vínculo aberto com eles. Também melhorou bastante a parceria que começou com o pessoal das equipes fazendo caminhadas com os diabéticos e hipertensos, então tá tendo bastante contato direto com o PSF. É o que melhorou mais o conceito com eles...

Diamante[...de uma certa forma o PSF ajuda a movimentar esse movimento da população] Sim!

[Ele devolve pra população o que a população tá trazendo pra ele]Traz e devolve como forma de exercício de responsabilidade, se responsabilizarem por tudo que tá no bairro. porque é nosso, o posto faz a parte dele, pega e depois devolve. Pegou o projeto de arborização e trouxe pro Recanto, devolvemos na mão dos moradores. Então essa árvore é sua pra plantar na sua calçada, pra enfeitar, é sua pra você cuidar, então o lixo é a mesma coisa. O Posto tá lá (posto de coleta) Lógico é em frente ao posto (posto de saúde) mas não é a responsabilidade só do posto de manter ali limpo, de orientar. Isso é responsabilidade de cada um dos moradores de ter sua consciência. O Posto pega a questão e devolve pra eles. É tanto que a gente tá com outro projeto do lixo também. Agora nós tamos montando ainda o projeto de conscientização, que a gente pega o problema que é da comunidade, depois devolve pra própria comunidade resolver e achar o que é melhor de se fazer.

Rosas Vermelhas[...da mesma forma que a população batalhou pelas coisas , o PSF ajuda , ele devolve isso pra população , apoiando a população nas suas lutas nas reivindicações ou é uma coisa que ta se separando?] Não! O PSF procura ajudar , sim , procura porque quando eles fala: “ah quero isso e aquilo a gente vai atrás ver. Até mesmo as escolas quando querem palestras pra adolescente , alguma coisa , o PSF ta trabalhando junto com eles. Quando não pode ser o próprio posto eles vão atrás , pegar pessoas que possa , ser capacitada pra poder trabalhar com a comunidade. Então quanto isso acho que eles dois são parceria , acho não, eu tenho certeza . que é bem parceria os dois , o PSF e a população. Que a população acaba cobrando também, como tem os gestores (se refere ao conselho gestor) ...então acaba tendo aquela cobrança: “Oh tem que fazer isso e isso” aí onde o PSF ta errando , procura se consertar , aí o PSF também faz a mesma coisa com a população : “ce foi representante da população , a população também tem que colaborar , isso e isso”. aí eles acabam entrando em acordo.

[Se a população precisar fazer uma reivindicação, uma manifestação ,precisar brigar assim com o governo , ela tem o apoio do PSF ou ce acha que o pessoal vai ficar com medo de apoiar?]

Ah , eu acho que sim...vai ficar com medo , dependendo do que for não vai entrar não

porque tudo tem uma politicagem atrás , né? Aí acaba as pessoas que ta lá dentro não querendo se envolver muito pra não perder seus empregos...eles podem ajudar sim, mas integral mesmo não, inteiramente, eu acho que não. Não sei não ...(muda o tom de voz, parece triste com essa afirmação)

[Se fosse hoje que tivesse fazendo o mutirão e tal , o PSF, as equipes apoiariam o pessoal nessa luta] Creio que sim. Nessa parte acho que apoiaria sim . que ia ser um benefício , um crescimento.Tanto pro PSF como pra população . Que não adianta nada ter o PSF se não tiver a população junto com ela pra trabalhar. Que aí ia tomar conta de quem? fazer a prevenção com quem? Por isso que um depende do outro (risos)nisso. mas é bom...nós tivemos muitos casos bons aqui .

A gente não agrada a todos , né? Mas tem a maioria , a gente tenta agradar em alguma coisa , fazer uma coisa de útil pra eles ...Os pacientes! aí você acaba tendo força, animo de fazer alguma coisa : “não! Vou fazer isso porque fulano precisa!”.E aí eu penso comigo: se eu ajudo o próximo , alguma coisa ta me ajudando a fortalecer, ter o retorno de alguma coisa boa .Aí eu posso ficar mais de consciência limpa. Que não adianta nada eu trabalhar...se eu trabalhar nesse serviço , não poder ajudar em nada, ter a resolução de nada . Mas eu acabo vendo resolução de alguma coisa , nem que seja pouquinha mas eu: “não! Consegui fazer aquilo, aquela pessoa ta satisfeita com aquilo ali”mas é bom , por isso que eu acho que é bom ser agente .

Lírios [As reivindicações deles, o movimento da comunidade, o PSF faz uma parceria?]**Olha :** eu acredito que poderia ser melhor. A gente já tem, sei lá , uma boa parceria , eu posso dizer pelo pessoal da caminhada, que eles tão bem ,né ? A terapia comunitária é uma coisa que funciona também, o pessoal tem procurado, a gente tem onde encaminhar aquelas pessoas que estão angustiadas. Nós temos também a Alzira que trabalha com artes ensinando bordado, essas coisas ...o pessoal tem procurado , tem crescido . Então eu acredito que poderia ser mais, mas a comunidade tem procurado esse serviço sim.[o que impede que essa parte se desenvolva...] Ai, sei lá,viu? Eu acho assim que talvez mais abertura da gerente , sei lá, mais oportunidade porque... pra gente o que falta mesmo as vezes é tempo , a gente não tem tempo , a gente tem boas idéias, mas as vezes não tem como exercer , então fica difícil porque é muita ocupação que gente tem na unidade então... as vezes você tem idéias boas, que nem: você até se programa dentro da equipe , um passeio com as pessoas da terceira idade que fica muito sozinha na residência , a gente até se programa mas as vezes você não consegue...fica na outra ocupação e não consegue sair disso , então eu acho que poderia batalhar mais sobre isso .

Estados Unidos[E no aspecto coletivo] na comunidade? ...olha o aspecto coletivo ainda tem que ter muitas mudanças.Eu acho que eles ainda não acordaram para o poder que tem, precisa a gente ta incentivando: “olha, a gente pode brigar por isso e isso pode acontecer...” ainda não existe aquela coisa de acordarem pras coisas que podem ...pras mudanças que podem acontecer.[O PSF poderia ajudar mais nisso] Com certeza, eu acredito que sim. Eu acredito que o PSF ainda pode fazer muito mais e tem

coisas que...tende a ser acomodado , ta existindo comodismo no PSF . Eu sinto falta da doutora Andréa, sabe? No PSF (risos). É verdade, eu não to sendo irônica, nem um pouco. Porque a doutora Andréa era aquela que fazia os movimentos, que movimentava o pessoal: “olha, vocês têm que mudar isso, tem que acontecer aquilo”. Sabe? Existe aí uma terapia comunitária, existe a caminhada que é graças a doutora Andréa, sabe? Isso eu digo com certeza e as pessoas que participam, elas sabem disso, elas sabem o valor da doutora Andréa com relação a isto. É...

[o que me deixa feliz é vocês terem abraçado Você, o Mario, a Alzira ...que podia ter acabado , né? Doutora Andréa sai, o grupo acaba! E não acabou! Isso que é bonito, as pessoas que participam abraçaram também!]

Mas a arvore que dá fruto, que dá bom fruto, aquele fruto sempre fica , não adianta! Você saiu mas o fruto era tão bom que acabou ficando. Porque foi uma semente boa que você plantou, e não foi só isso, foi os cuidados com os pacientes que até hoje eles sentem falta disso ,eles sentem muita...eu vejo eles me comunicarem isso , ontem mesmo o seu Carmino: “poxa, uma medica como a doutora Andréa , acho que não vai existir mais aqui dentro”, né? Isso faz falta. De pessoas assim que faz muita falta aqui dentro, que tem poucas que querem abraçar uma causa, que querem seguir em frente. Na primeira dificuldade fala: “ah não, isso não vai dar certo” e não constrói.

Que causa é essa [que a gente abraça]? Olha, doutora, eu acho que assim... a causa da necessidade , sabe? Eu acho que quando a gente vê uma necessidade ali...as coisas pegando , então a gente tem que abraçar pra conseguir fazer alguma coisa porque senão...não consegue vencer , não consegue se fazer anda...[Isso poderia ser diferente,fazer algo mais pela comunidade...]Acho, acho! Eu acho que nós como comunidade, atendendo a comunidade ...existe aqui um espaço , tem aqui um espaço que ela poderia ser construído pra ajudar pessoas...que as pessoas pudessem fazer trabalhos , que pudesse ser em beneficio da própria comunidade . Por exemplo que lá tivesse um local onde fosse feito fraldas e tivessem pessoas que trabalhassem nisso e pudessem ajudar outras pessoas , que tivessem um centro ali onde aquela pessoa que ta... que a gente enxergasse o caso de violência , de estupro...a gente corresse ali , falasse: “olha,isso ta acontecendo assim, assim,assado...” E que houvesse uma solução, mesmo que não fosse de imediato, mas que aquele caso a gente soubesse:“Nossa! Ali ta em boas mãos!vai ser abraçado e vai ser resolvido”. Isso não tem.

Eu acho que a instituição é lenta, a instituição acaba nem pensando , nem querendo se envolver.

E a comunidade acha, por sua vez que não tem uma forma de luta, não tem como.A gente passa: “olha vai lá luta, briga por isso, por aquilo”, “ah... mas não dá ,ah mas eu acho empecilho, ah mas as pessoas não querem me ajudar”

[Mas se houvesse uma parceria maior da instituição com a comunidade poderia ir mais longe nessas lutas] Com certeza eu penso. Eu acho que teria mais força eu acho que... Eu sei que a população ta muito acomodada, eu sei que as pessoas querem tudo nas mãos... não todos, mas algumas sim. Mas eu acho que se a gente pudesse fazer algo mais,eu acho que a coisa melhoraria.

Movimentaria mais e eu acho que esse desejo também é de poucos agentes comunitários, não são todos também que querem abraçar uma causa ,não são todos que pensam, que desejam uma mudança...sabe? Existe aqueles que: “faz o meu trabalho, faço a minha função , ah eu entro na casa ...e isso pra mim é o que conta”, não tem aquele desejo de mais.[...que não vê isso como uma coisa da saúde] È !! como se não fosse [com ele], como se : “Ah as drogas ta aí , mas a gente vai se envolver com drogas pra que?Pra que a gente vai montar um projeto pensando em drogas?eles nem vêem?” então já existe aquela visão negativa das coisas ,antes de começar, antes de montar um projeto, já existe aquela visão negativa. Mesmo da instituição...Eu acredito que se houver empenho sai do papel, acontecem , entra no papel e sai dele pra concretização. Mas não sei... e quando as coisas não acontecem a gente acaba caindo na descrença, a gente acaba perdendo o espírito de luta. Olha doutora,eu falo assim e volto atrás... a gente continua sempre com aquela sementinha, que quando ela é regada, rapidinho desenvolve, então precisa de uma aguinha ali pra regar. Perder totalmente... acho que quando a gente tem , quando a gente adquire, a gente não perde.Fica só adormecida , só adormece

Girassol - a gente poderia chegar mais longe... o que atrapalhou?(silencio) .eu acho que o que atrapalhou mesmo da gente ir mais longe foi as mudanças, sabe? Porque eu acho assim...aqui conquistar, foi bom demais, pra gente chegar onde chegou, agora mas lutar...eu acho que hoje se fosse pra UNIFESP fazer o convenio hoje, levaria uns 6 anos ou mais. Então pegar o prédio pronto, é maravilhoso, pegar tudo, é maravilhoso, tem que por o que? Os funcionários....agora e a luta pra ter esse espaço? de quem foi?.....não foi a UNIFESP, eu acho que poderia ir mais longe assim se os moradores acreditassem mais, entendeu? Acho que eles tem participação nas propostas que foram feitas, mas se eles participassem mais a gente teria mais espaço, mais gente trabalhando, o que a gente tem não suficiente, o que atende a gente oferece mas não é suficiente...acho que faltou interesse da população de correr atrás...

[...]a gente tem esse espaço sim...não tem grupos? Educativos, nesse grupos você pode incentivar a sociedade a correr atrás da suas necessidades pra que essa sociedade possa conhecer o que tem de direitos e o que tem de deveres, que tem pessoas que não conhecem os seus direitos, tão pouco os deveres , né? Mas os direitos, você sabe? Não, não sabíamos...então quer dizer ...é muito pouco o conhecimento da parte da sociedade sobre o que ela tem poder, a sociedade é então, entre aspas, um pouco burra, até eu mesma tem coisas que eu não sabia que eu tinha direito e que hoje eu aprendo que eu posso, que é um direito meu como cidadã ter o respaldo de alguns órgãos públicos, coisa que eu não sabia, então, a maioria deles não sabem o que eles juntos são capazes de fazer então é fácil eu chegar numa casa e falar assim: Ah mas não tem essa...não você não tem que falar pra ele, que eu sei da minha realidade. Outro... correr atrás de uma proposta e procurar os órgãos competentes pra poder mudar aquilo ...

(o PSF dá conta de fazer isso? Você vê isso acontecer?)não assim pra ontem mas acho que futuramente tem condições sim. Muitas coisas que eles não tinham noção de que

eles seriam capazes eles já tem. Você vai no mercado comprou isso e isso veio quebrado, você tem o direito de ligar e reclamar e querer outra ...então ela tem consciência de que ela pode fazer isso. Antes na hora que eu pegava eu jogava no lixo que tava quebrado eu pensava jogo no lixo mas eu paguei por aquilo. Então quer dizer isso que eu paguei pode ser 1 centavo, 10, 50 reais eles tem a obrigação de me ressarcir... hoje tem essa consciência que antes não tinha. Então a população aos poucos tem consciência de que ela pode ir atrás, só que são poucos ainda mas como dizem que o trabalho no PSF é um trabalho de formiguinha, então é de vagar que a gente vai chegar lá. A gente já chegou até aqui... provavelmente futuramente daí pra frente eles podem correr atrás, eles podem cobrar e eles vão ser ouvidos também porque eles ainda não tem noção. Não adianta falar pra mim se eu sou igual a você, você tem que falar pra alguém que possa...eu posso te ajudar a achar um órgão onde você possa reclamar, mas eu não posso agir com você e ir nós duas sozinhas, a gente precisa de mais pessoas, mas eu acredito que futuramente ...

(o que ta faltando pro Recanto que poderia ta nessa luta aí) eu acho que eles tinham que dar mais credibilidade no que eles podem mesmo, no que eles fazem pra eles. Enquanto eles não tivessem a consciência, vai demorar, eles são covardes, porque eles podem muito, podem junto, mas acho que falta isso, credibilidade neles mesmo.